

DISSE OU NÃO DISSE: EIS A QUESTÃO...

Nauria Inês Fontana*

ABSTRACT: *We analyzed, based on Principles of Grice, some politicians speaks pronounced by Lula, when he was candidate for Republic Chair of Brazil, from February to May in 2002. It was verified that the implicit in the utterances goes beyond the lexicon in relation to Lula's speak responsibility. In other words, the maximum of quality, where the affirmation needs to be true, without doubts about a possible linguistic or moral falsification. This is the point in Lula's speech. The speaks of Principles of Grice help us to understand that the speak obeys a proper logic, because when a maximum from a speaker isn't carrying out it produces different effects from the first principle.*

1. Introdução

Paul Grice (1987) foi um dos primeiros teóricos a tratar da distinção entre significado do falante e significado da sentença, descrevendo as relações que supõe existir entre o que é dito e o que é implicado de forma não-convencional numa troca comunicativa. O que é dito no proferimento de uma sentença está intimamente relacionado ao significado convencional das palavras utilizadas. Ao implicar conversacionalmente algo, no entanto, o falante demonstra sua intenção de comunicar uma idéia diferente daquela que as palavras empregadas literalmente expressam. Em sua Teoria das Implicaturas, afirma que o elemento central da comunicação é o reconhecimento, por parte do ouvinte, da intenção que o falante possui de induzir, no ouvinte, uma certa crença com seu proferimento. Para *Grice*, numa situação de diálogo, os interlocutores de maneira implícita assumem um conjunto de normas que regem a conversação, um Princípio Cooperativo e máximas de qualidade, quantidade, relação e modo. Sustenta que o sucesso da comunicação é garantido porque os interlocutores partilham das mesmas estratégias de preservação e violação das máximas.

Ao lermos textos reproduzidos em jornais ou revistas, percebemos que os mesmos procuram ativar o conhecimento armazenado na memória do leitor, antecipando informações e permitindo um levantamento de hipóteses, especialmente tentando nos fazer crer nestes proferimentos.

Da mesma forma, são divulgadas construções frasais de pessoas

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade do Contestado/Campus de Concórdia-SC.

que tomam certas decisões no comando de nosso país que nos impressionam. Referimo-nos aos “ditos” políticos que chegam ao nosso conhecimento, que, além de revelar o nível cultural da representatividade política, permitem que façamos uma análise do que é proferido explicitamente e, principalmente, do implícito nas manifestações públicas.

O propósito deste trabalho é analisar, segundo *Grice*, os esforços cooperativos proferidos pelo, então, pré-candidato pela quarta vez a Presidência do Brasil, Sr. Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), analisando frases declaradas e publicadas pela imprensa entre janeiro e maio de 2002, selecionadas nas seções *Veja Essa* da Revista **Veja**, *Portal* da Revista **Época**, no Jornal **Gazeta do Povo on line** (Curitiba-PR) e em entrevistas dadas as Revistas **Istoé** (15/05/02), **Veja** (22/05/02) e **Época** (22/04/02).

Salientamos o leque de corpus em função da busca por somente frases ditas, pelo mesmo, relacionadas ao seu desempenho eleitoral nesta época do ano, limitando a amostra, devido a grande quantidade encontrada, já que nesta época (há poucos meses da eleição), Lula tem sido constantemente capa de revistas e jornais. A seleção feita tenta abranger frases com considerável grau de criticidade, relacionadas ao momento político.

2. Fundamentação teórica

A teoria dos atos de fala é importante suporte teórico para este trabalho porque ela apresenta questões lingüísticas relativas à natureza da linguagem que muito têm a contribuir para a análise do tipo de discurso aqui analisado.

Austin mostra que, com a linguagem, é possível ir além do simples dizer coisas; com ela, pode-se também fazer coisas, agir sobre o mundo.

Em princípio *Austin* estabelece uma distinção entre as elocuições que servem para descrever o estado de coisas e relatar fatos e eventos — as constativas — e aquelas que são também uma forma de ação — as performativas. Para mostrar essa diferença, *Austin* afirma que, quanto às constativas, pode-se alegar um caráter de verdade ou falsidade e, quanto às performativas, pode-se somente verificar a existência de uma falha, por ele chamada de ‘infelicidade’, decorrente da infração de algumas regras. No entanto, o autor teve que abandonar essa primeira tentativa de estabelecimento da distinção, ao constatar que os dois tipos de elocução podem ser caracterizados por ‘infelicidade’ e que ambas, também, precisam estar de acordo com os fatos ou ter alguma relação com eles.

Segundo *Austin*, há três tipos de atos que são realizados simultaneamente:

- o ato locucionário, que tem sentido e referente e é a realização de um ato *de* dizer algo;
- o ato ilocucionário, que carrega uma força quando dito, sendo a realização de um ato *ao* dizermos algo;

— o ato perlocucionário, que é o efeito alcançado *pelo* dizer algo.

Para o autor, a unidade básica da comunicação era o ato ilocucionário porque, segundo ele, era o único fenômeno real na situação de fala total que nos empenhamos em elucidar; é por meio do ato ilocucionário, do qual fazem parte os performativos e os constativos da primeira classificação, que o falante expressa suas intenções. Para *Austin*, não precisamos de uma lista de performativos e sim de uma lista das forças ilocucionárias pelas quais realizamos ações específicas.

Seguindo o mesmo pensamento de *Austin* de que o uso da linguagem é um fazer coisas com palavras, *Searle* expande a teoria dos atos de fala, acrescentando uma taxonomia de atos ilocucionários.

Condições de sinceridade não são consideradas porque é difícil chegar-se a uma conclusão sobre a sinceridade ou não do falante. Pode-se imaginar quais sejam algumas de suas intenções, tomando-se por base o contexto em que a interação ocorre e os objetivos que quer alcançar.

Searle conclui afirmando que não há um número infinito de usos da linguagem. Se for adotado o ponto ilocucionário como a noção básica com a qual classificamos o que é feito com a linguagem, é possível chegar a um número finito de usos: as pessoas falam sobre coisas, tentam convencer outras pessoas a fazer coisas, assumem compromissos de fazer coisas, expressam seus sentimentos e atitudes e mudam o estado de coisas ao proferir certas elocuições, neste nosso estudo, políticas.

Searle contribui para a teoria dos atos de fala, também, ao incluir, dentre as classes de atos de fala, os atos de fala indiretos, ou seja, aqueles que são executados indiretamente por meio da realização de um outro ato, ou por locuções com performativos implícitos.

Searle afirma que o significado do ato de fala indireto é alcançado por um conjunto de ferramentas que inclui a teoria dos atos de fala, princípios de conversação cooperativa, informação compartilhada e a habilidade do ouvinte de fazer inferências.

Grice argumenta que o falante se faz entender tanto pelo que explicitamente diz como pelo que não é lingüisticamente expresso. O que está explícito está relacionado ao sentido convencional das palavras usadas, mas grande parte do significado geral da enunciação vai além do que é explicitado; é expresso por meio de implicaturas.

Diante da constatação de que o falante expressa e apreende o significado transmitido de maneira implícita, *Grice* conclui que nossos diálogos são esforços cooperativos que caminham lado a lado em direção ao propósito ou conjunto de propósitos que norteia a conversa e que é mais ou menos definido no início ou no decorrer da interação.

Considerando não serem as interações compostas de falas desconexas, *Grice* formula o Princípio da Cooperação (PC) que se espera seja seguido pelos falantes, na medida do possível, pois é a base para que a

interação humana ocorra: "Make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged." (Grice, 1975, p. 45). (Faça sua contribuição de modo que se espera que ela aconteça, no momento em que ela deve ocorrer, e de acordo com o objetivo ou direção da interação em andamento).

Para a obtenção de resultados de acordo com o Princípio da Cooperação, Grice desenvolveu ainda máximas e submáximas da conversação divididas em quatro grandes categorias.

2.1. Princípios da conversação e máximas conversacionais

Nossos diálogos não são constituídos por informações aleatórias e desconectadas. Eles são esforços cooperativos guiados por uma direção mutuamente aceita, constituída por um princípio, que deveria ser observado por cada participante. A esse princípio, Grice chamou de princípio da cooperação. Deste princípio decorrem regras e sub-regras que o autor reúne em quatro categorias: Quantidade, Qualidade, Relação e Modo.

A categoria da Quantidade está relacionada com a quantidade de informação a ser fornecida e a ela correspondem duas sub-máximas:

1. *Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação).*
2. *Não faça sua contribuição mais informativa quanto do que é requerido.*

A máxima de quantidade corresponde às informações explícitas no texto, tendo em vista uma contribuição informativa e necessária. A violação desta máxima pode operar como estratégia argumentativa.

A categoria da Qualidade está relacionada à veracidade das informações e envolve duas máximas mais específicas:

1. *Não diga o que você acredita ser falso.*
2. *Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.*

Na máxima de qualidade o que se visa é a afirmação que seja, comprovadamente, verdadeira, não despertando nenhuma dúvida a respeito de uma possível falsificação lingüística ou moral.

A categoria da Relação está ligada à relevância das informações "Seja relevante". Na máxima de relevância ou de relação, o que se prevê é a contribuição do autor, esta, relevante aos objetivos da interação em andamento, considerando a exclusão de palavras ou sentenças não pertinentes ao objetivo central da mensagem. O falante deve assegurar-se de que os argumentos utilizados para justificar seu ponto de vista não sejam óbvios ou impertinentes, nem contraditórios.

A categoria de Modo diz respeito ao modo como devem ser veiculadas as informações. A supermáxima *seja claro* estão ligadas outras submáximas:

1. *Evite obscuridade de expressão.*
2. *Evite ambigüidade. (use palavras com sentido preciso e definido).*
3. *Seja breve (evite prolixidade desnecessária).*
4. *Seja ordenado (usufruindo da economia da linguagem temporal, espacial e lógica).*

A máxima de modo ou maneira se refere a “como” a proposição é expressa através de palavras objetivas, com sentido preciso e frases bem estruturadas, devendo evitar a ambigüidade ou a indeterminação, etc...

As máximas conversacionais de *Grice* nos fazem ver que a conversação obedece a uma lógica própria, pois o não cumprimento de uma máxima por um falante produz efeitos distintos dos que teria a princípio.

2.2. Implicaturas

Em um enunciado, quando derivamos implicaturas do interlocutor, não é em expressões lingüísticas particulares que buscamos justificativas para uma interpretação, mas no fato de que a interpretação usual da frase é inapropriada para a situação, o que sugere uma segunda interpretação.

Ilari & Geraldi afirmam que muitos dos implícitos podem ser analisados nas implicaturas, já que

o uso do termo implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos lingüísticos: o fenômeno do acarretamento, o que se infere uma expressão com base apenas no sentido literal de outra; e o fenômeno em que a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional. (Ilari & Geraldi, 1990, p. 76)

Implicaturas são os implícitos que ocorrem na linguagem via inferência do dito e do contexto, são aquelas informações comunicadas por um enunciado distinto de seu conteúdo proposicional.

Grice distingue classes de implicaturas:

- a) as implicaturas convencionais, ou seja, inferências que derivam diretamente dos significados das palavras e não de fatores contextuais ou situacionais, e portanto, não são calculáveis a partir de princípios pragmáticos nem de conhecimentos contextuais;
- b) as implicaturas conversacionais ou aquelas inferências não dedutíveis logicamente já que dependem para sua decodificação dos princípios que regulam a conversação, sendo calculáveis, ou seja, podem ser recuperadas a partir do significado literal quando da sua emissão e com os princípios pragmáticos anteriores. São classificadas em:
 - i) gerais: aquelas implicaturas que tem lugar independentemente de qual seja o contexto que aparece.
 - ii) Particularizadas: são aquelas que são geradas combinando três classes: informação contida no enunciado, os fatores que configu-

ram o contexto (incluindo a situação de emissão) e os princípios conversacionais.

Temos como hipótese deste trabalho, e tentaremos provar no próximo capítulo, que o implícito nas frases vai além do léxico, ou seja, há relação de responsabilidade na fala de Lula, ou seja a máxima de qualidade, na qual se visa que a afirmação seja comprovadamente verdadeira, não despertando nenhuma dúvida a respeito de uma possível falsificação lingüística ou moral, é o ponto chave no discurso proferido pelo pré-candidato, nesta sua disputa eleitoral.

3. Enunciados proferidos por Lula

1 — “Quem sabe Serra poderia desafiar Enéas para um debate?”
Época, 11 de fevereiro de 2002, p. 10.

Lula faz este questionamento ao afirmar que não vai debater com o ministro da saúde, José Serra, também pré-candidato à Presidência do Brasil, com um tom irônico, já que está colocando o nome de Enéas, um terceiro pré-candidato à Presidência. Enéas, anteriormente alcançou índices baixíssimos de votação (em torno de 2%), sendo alvo de muitas piadas, charges e gozação por seu estilo de discurso — curto e grosso. Podemos implicar a partir desta frase que somente os pré-candidatos que irão alcançar índices baixos de votação na próxima eleição é que deverão debater. Sendo assim, Lula estaria se considerando como o pré-candidato forte, quem sabe, vitorioso, nesta eleição. Este pronunciado fere a máxima da qualidade, já que nesta data (fevereiro) não havia evidências de que novamente Enéas ficaria com baixos índices de votação, já que as pesquisas eleitorais eram poucas, bem como de índices bons em relação ao pré-candidato Lula. Também em fevereiro os índices das pesquisas favoráveis à Lula não eram tão bons quanto agora.

2 — “Quero ótimas relações com os EUA, mas não aceito a proposta deles para a Alca nem a ocupação da Amazônia via Colômbia”.
Época, 22 de abril de 2002, p. 28.

Pressupomos a partir do enunciado que há uma proposta feita pelos EUA para a Alca e outra para a ocupação da Amazônia via Colômbia. Podemos, a partir disto, implicar que Lula aceita uma proposta de ocupação da Amazônia e uma segunda proposta para a Alca, mas não aquelas já estabelecidas. Ao afirmar “ótimas relações” faz uso do recurso da vagueza, pois o que será ótimo para ele? É um recurso disponível para não expor sua opinião verdadeira sobre o assunto. Fere, dentro das máximas expostas por *Grice*, a máxima de modo, pois usando termos vagos não está colocando uma opinião comprovadamente verdadeira, deixando obscura sua opinião sobre o assunto questionado.

3 — “Não vou governar só para quem tem a estrelinha do PT no peito. Será um governo para os 170 milhões de brasileiros”. **Época, 22 de abril de 2002, p. 30.**

Implica que os governos, que até agora tivemos, somente governaram para suas próprias bases eleitorais. Também implica que, o que interessa são somente as pessoas brasileiras e não as empresas estrangeiras que aplicam aqui no Brasil seus investimentos, entretanto, levam os lucros para os países de origem. Dizer que será um governo para os brasileiros é redundante, já que a eleição é para o governo do Brasil, fere a máxima da quantidade.

4 — “Sou a única pessoa nesse país a fazer a reforma agrária sem uma morte ou ocupação de terra, só na base da mesa de negociação” **Gazeta do Povo, 30 de abril de 2002.**

Pelo enunciado pressupomos que no Brasil há reforma agrária, entretanto sempre ocorrendo mortes ou ocupação de terras. Implica que as pessoas que até hoje tentaram fazer reforma agrária não conseguiram negociar a mesma sem provocar conflitos. Implica que sem ele no governo nunca haverá reforma agrária ordenadamente.

De acordo com o petista, a reforma agrária em grandes proporções terá de ser acompanhada de sistemas de financiamento de plantio e colheita, além de garantia de acesso a mercado pelos produtores com preços justos, o que pressupondo-se que isso não é feito hoje, conseqüentemente, haverá morte ou ocupação das terras.

5 — “Deve fazer muito tempo que ele (Lafer) não lê jornal brasileiro” **Época, 6 de maio de 2002, p. 10.**

Ao proferir este enunciado em resposta a Celso Lafer, ministro das relações exteriores, que no jornal espanhol *El país*, afirmava sobre o resultado das pesquisas eleitorais que “Lula voltará a perder”, está implicando que os jornais brasileiros estão noticiando a sucessão presidencial como favorável a ele, Lula. Implica também que Lafer só está lendo jornais estrangeiros, já que é ministro da relações exteriores e portanto está desatualizado com a realidade brasileira. Acarretando que se ele, Celso Lafer, é ministro das relações exteriores do Brasil, deveria estar atualizado sobre o que ocorre neste país para poder defender nossos interesses perante outros países. Inclusive, devemos observar que o pronunciamento de Celso Lafer foi publicado em um jornal estrangeiro, portanto suas preocupações parecem não estar sendo com o país Brasil. Implica, ainda, que os jornais estrangeiros não conhecem os últimos índices favoráveis à Lula, nas pesquisas brasileiras.

6 — “O Brasil não é uma coisinha qualquer” **Veja, 8 de maio de 2002, p. 35.**

Ao enunciar esta frase quando questionado sobre a recomendação de bancos americanos contrária a investimentos no país por causa de sua

boa colocação nas pesquisas, seu enunciado implica que o Brasil não é um brinquedo, no qual você aposta, brinca, põe e tira em função de pesquisas eleitorais. Implica também que o Brasil pode até ser uma coisinha, mas não qualquer uma, é uma coisa específica. Quem sabe uma que mereça respeito pelos investidores. Fere a máxima de modo, pois é uma expressão obscura, ambígua, com sentido impreciso e indefinido, deixando dúvidas a respeito do seu pensamento sobre o que é o Brasil.

7a — “Qualquer cidadão ou cidadã que tentar envolver uma queda de bolsa, uma retirada de fundos por conta de uma pesquisa, é um absurdo”. **Gazeta do Povo, 14 de maio de 2002.**

7b — “Acho que é politicamente errado, economicamente irresponsável e acho que é criminoso fazer terrorismo barato a seis meses das eleições” **Gazeta do Povo, 14 de maio de 2002.**

7c — “é Criminoso especular a apenas cinco meses das eleições” **Veja, 22 de maio de 2002, p. 43.**

Lula profere estes enunciados em relação a sua subida nas pesquisas de intenção de voto e o aumento do risco-país e a saída de investimentos. Para Lula, a atual situação econômica do país não está boa. Ele citou como exemplo o fato da balança comercial estar positiva porque as importações caíram e não as exportações aumentaram. Implica que talvez as pesquisas estejam erradas, ou que não são confiáveis. Implica que poderia ser feito este tipo de terrorismo, mas não nesta época., ainda mais quando anônimos aproveitam pesquisas eleitorais para especulação. Fere a máxima da qualidade, pois se Lula não acredita naquilo que diz, quanto mais comentário fizer sobre o assunto mais especulações e mentiras provocará.

8a — “O que está negociado vai continuar negociado” **Gazeta do Povo, 14 de maio de 2002.**

8b — “negociar é preciso” **Isto é, 15 de maio de 2002, p. 28.**

Diferente dos discursos pronunciados em outras campanhas eleitorais, agora Lula afirma que manterá o que foi negociado, entretanto também lança seu lema de campanha: “negociar é preciso”, (uma lembrança a Fernando Pessoa: navegar é preciso, viver não é preciso). Antigamente Lula pedia moratória, hoje amadurecido, vê que necessita dos grandes investidores estrangeiros para manter o país funcionando, portanto há a necessidade de estabelecer que sua meta econômica é estável. Fere a máxima de modo, pois seus enunciados são obscuros e aparentemente contraditórios, necessitando ler mais informações sobre o assunto para entender o que o mesmo quis afirmar, já que reiterou que vai honrar os compromissos já negociados e o que tiver que ser negociado no futuro será feito de forma a beneficiar o país.

9 — “Não é possível que depois de alguns anos de conquistada a

liberdade política no Brasil, a gente ainda tenha a mesma formação política oriunda da época do regime militar, uma formação política capenga, partidos fragilizados, legendas de aluguel, uma coisa totalmente absurda” **Gazeta do povo. 14 de maio de 2002.**

Para o pré-candidato, o processo democrático pode ficar prejudicado caso não haja uma mudança nos partidos. Lula, no entanto, afirma que todos os políticos defendem a reforma, mas que falta consenso dentro dos partidos para se aprovar mudanças. Podemos implicar que o partido do qual o pré-candidato faz parte também está incluído neste tipo de declarado por ele mesmo. Fere a máxima de modo, já que muitos dos termos são vagos (capenga, por exemplo), tornando obscuras suas declarações.

10 — “Eu me lembro que muitos empresários, em 1985, não votaram em Fernando Henrique porque ele era comunista; como não votaram em Orestes Quécia, em 1974, ou em Jarbas Vasconcellos (PMDB), em Pernambuco. Vejo que houve uma evolução da espécie humana”. **Isto é, 15 de maio de 2002, p. 28.**

Fala da evolução da espécie humana. Se lembrarmos a teoria de Darwin, verificaremos que o homem levou milhões de anos para evoluir e é esta implicatura que extraímos da fala de Lula, ou seja, que os homens demoraram em chegar ao melhor nível, isto é, perceber que ele, Lula, é o melhor pré-candidato. Implica que os empresários de hoje, portanto, evoluídos, votarão em Lula.

3.1. Mudança de tom no discurso de Lula

O discurso de Lula mudou desde o fim dos anos 80, quando a sigla disputou sua primeira eleição presidencial. Mostramos algumas das principais modificações ocorridas nesse período (fonte: Revista **Veja**).

O que dizia Lula na eleição de 1989

- O sistema financeiro deve passar para o controle do Estado.
- O pagamento da dívida externa precisa ser imediatamente suspenso.
- O PT jamais fará alianças com partidos de centro e de direita.

O que dizia Lula na eleição de 1994

- O Plano Real é um estelionato eleitoral.
- Privatizar setores como os de energia e telecomunicações é uma afronta à soberania do país.

O que dizia Lula na eleição de 1998

- O fim da inflação é uma conquista importante que deve ser mantida.
- É preciso dar incentivo aos setores produtivos para que haja geração de empregos.
- As privatizações serão revistas se o governo encontrar maracutaias no processo de licitação.
- Não é preciso, num país do tamanho do Brasil, haver invasão de terra

para que se possa fazer reforma agrária.

O que diz hoje Lula

- O PT vai honrar os compromissos da dívida pública.
- Privatizações de empresas como a Embraer renderam bons resultados.
- A prioridade é o crescimento econômico para que seja possível o desenvolvimento social.
- O PT precisa ampliar seu leque de alianças, e partidos como o PL poderão fazer parte do grupo de apoio.

É interessante verificar essas mudanças no discurso para entender melhor os enunciados produzidos e aqui estudados. Entretanto, acompanhando a imprensa nacional percebemos que a mudança em Lula não é somente no discurso, Lula também está cuidando de sua imagem pessoal.

4. Conclusão

Após analisarmos as máximas de *Grice* em “ditos políticos”, podemos afirmar que é preciso dedicar uma atenção especial à comunicação verbal, em relação ao uso que as pessoas fazem da linguagem, enquanto atividade constitutiva e produtiva, pois é no jogo argumentativo da linguagem e é pelas inferências que fizemos que a comunicação se transforma em conhecimento mútuo.

Nestes enunciados estudados, especificamente, podemos afirmar que passa uma noção de responsabilidade ou compromisso, além da promessa, inculcados nos mesmos. Lula sabe o que fala e principalmente como fala. Muitas vezes suas opiniões feriram a máxima de modo, ou seja, são muitas vezes obscuras, entretanto essa é uma característica dos políticos brasileiros, pois usando termos que podem ter seu conceito ampliado ou reduzido ampliam o leque de possibilidades de interpretações pelas pessoas que o lêem ou o questionam. Em seus proferimentos, Lula possui a intenção de induzir no ouvinte/leitor uma certa crença no que diz, ponto chave para o sucesso no seu empreendimento eleitoral, de acordo com o seu principal objetivo: ser Presidente do Brasil.

5. Referências bibliográficas

AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer: Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CUCATTO, Mariana. *Una concepción minimalista de la argumentación: estudio sobre las implicaturas* In: LEFFA, Vilson J. (Compilador). TELA (Textos em Lingüística Aplicada) [CD-Rom]. Pelotas, RS: Educat, 2000.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

GEIDRAT, Dóris Cristina. *A teoria das implicaturas de Grice (TIG)*. Verso & Reverso, São Leopoldo: UNISINOS, n. 20, fev., 1996, p. 24-33.

GRICE, P. *Logic and conversation*. In: COLES, P. & MORGAN, J.L. (eds.). *Syntax and Semantics III: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1990.

KEMPSON, Ruth M. *Teoria semântica*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1980.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MACEDO, C.M.M. *A reclamação e o pedido de desculpas: uma análise semântico-pragmática de cartas no contexto empresarial*. Tese de doutorado. PUC/SP, 1999. In: LEFFA, Vilson J. (Compilador). *TELA (Textos em Lingüística Aplicada)* [CD-Rom]. Pelotas, RS: Educat, 2000.

MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Desirée (org.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 1997.

MOKVA, Ana Maria Dal Zott. *Os "ditos políticos" nas máximas de Grice: uma análise*. <http://www.filologia.org.br/soletras/2/09.htm>

SEARLE, J. *Expressão e significado: estudo da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes: 1995.

SOUZA, Sônia Margarida Prado de. *As máximas de Grice no contexto empresarial*. the ESP, São Paulo, vol. 18, n. 2, p. 211-255. In: LEFFA, Vilson J. (Compilador). *TELA (Textos em lingüística Aplicada)* [CD-ROM]. Pelotas, RS: Educat, 2000.

ULMANN, S. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
VOGT, Carlos. *Linguagem, pragmática e ideologia*. Campinas, SP: Hucitec, 1980.